



## VIDA ENQUANTO GRAFFITEIRO/ARTISTA/PESQUISADOR/PROFESSOR

### *LIFE AS GRAFFITI WRITER/ARTIST/RESEARCHER/PROFESSOR*

Otávio Fabro Boemer/ UDESC

#### **RESUMO**

O artigo parte dos processos de pesquisa que se findaram em tese a um percorrido caminho de proposições poéticas, reflexões estéticas e um viés ético, e tidas de um híbrido fazer grafiteiro/artista/pesquisador. Dado o próprio formato da vida finita, ou dos processos artísticos, tal pesquisa relacionar-se-ia às próprias características de um ser real e híbrido de Canclini (2015); Valente (2015), pois seriam a partir da formatividade e estética de Pareyson (1993; 2001), um nascer de novas possibilidade de sublimação visto em França (2007), as futuras experiências vividas após sua finalização e docência, aberturas de caminhos para novos fazeres artísticos, desfechos e reflexões. Desta forma vê-se aqui uma oportunidade de pesquisa que se mantém viva, influenciando agora vidas discentes, artistas, pesquisadores e de algum modo escritores de *graffiti*, e espectadores em geral.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Hibridismo cultural – Formatividade – Arte contemporânea – *Graffiti* – Pesquisa em Arte

#### **ABSTRACT**

*The article starts from the research processes that ended in a thesis and a path followed by poetic propositions, aesthetic reflections and an ethical bias, and considered a hybrid of graffiti-writer/artist/researcher. Given the very format of finite life, or artistic processes, such research would be related to the very characteristics of a real and hybrid being by Canclini (2015); Valente (2015), as they would be based on the training and aesthetics of Pareyson (1993; 2001), a birth of new possibilities for sublimation seen in França (2007), the future experiences lived after his completion and professor, opening paths for new artistic actions, outcomes and reflections. In this way, we see a research opportunity that remains alive, now influencing the lives of students, artists, researchers and, in some way, graffiti writers, and spectators in general.*

#### **KEYWORDS**

*Cultural hybridism – Formativity – Contemporary art – Graffiti – Art research*



## Introdução

O âmbito propositivo ao artigo aqui apresentado, se dá a partir da hipótese surgida da análise como teoria indicativa, e tida em Canclini (2015), referente ao desvanecimento das classificações definidoras de cultura em grupos distintos da contemporaneidade, sendo o traçado desta, guia libertária inicial à pesquisa aqui apresentada.

Iniciar-se-iam assim, levantamentos e a buscas por indícios que pudessem abarcar em tal entendimento, um ser culto híbrido contemporâneo surgido da hibridação grafiteiro/artista/pesquisador.

As culturas já não mais se agrupam em grupos fixos e estáveis e, portanto, desaparece a possibilidade de ser culto conhecendo o repertório das “grandes obras”, ou ser popular porque se domina o sentido dos objetos e mensagens produzidos por uma comunidade mais ou menos fechada (uma etnia, um bairro, uma classe). (CANCLINI, 2015, p.304)

Na tentativa de compreender, o que de fato seria o “ser grafiteiro” contido nesta hibridação, tornou-se necessário encontrar um princípio indicativo de sua existência, um levantamento histórico de seus aparecimentos e relações com a humanidade.



Imagem 1- Linha do tempo geral desenvolvida em pesquisa. Design: Otavio Fabro.

O compreender quais seriam as possíveis causas orientadoras e motivadoras de incontáveis ações e expedições com *graffiti*<sup>ii</sup> realizadas pelo autor, e por milhares de outros escritores pelo mundo, apresentou-se do ponto de vista de quem também



realiza, uma possível visão e visualidade coletiva referenciada na contemporaneidade enquanto grupo operativo. Em pesquisa, tal fato emergiu enquanto conhecimento empírico do contexto social, pois marginalizados, erigidos de um contexto de não pertencimento, operacionalizados na ilegalidade, e motivados a partir da exclusão e descontentamento, estes ao se colocarem e se arriscarem ativamente num fazer político de ocupação ativa da urbe, de algum modo refletiriam a própria sociedade que os criara, tal como, a transformariam e auxiliariam para que ocorressem mudanças significativas nos modos operativos da arte contemporânea.

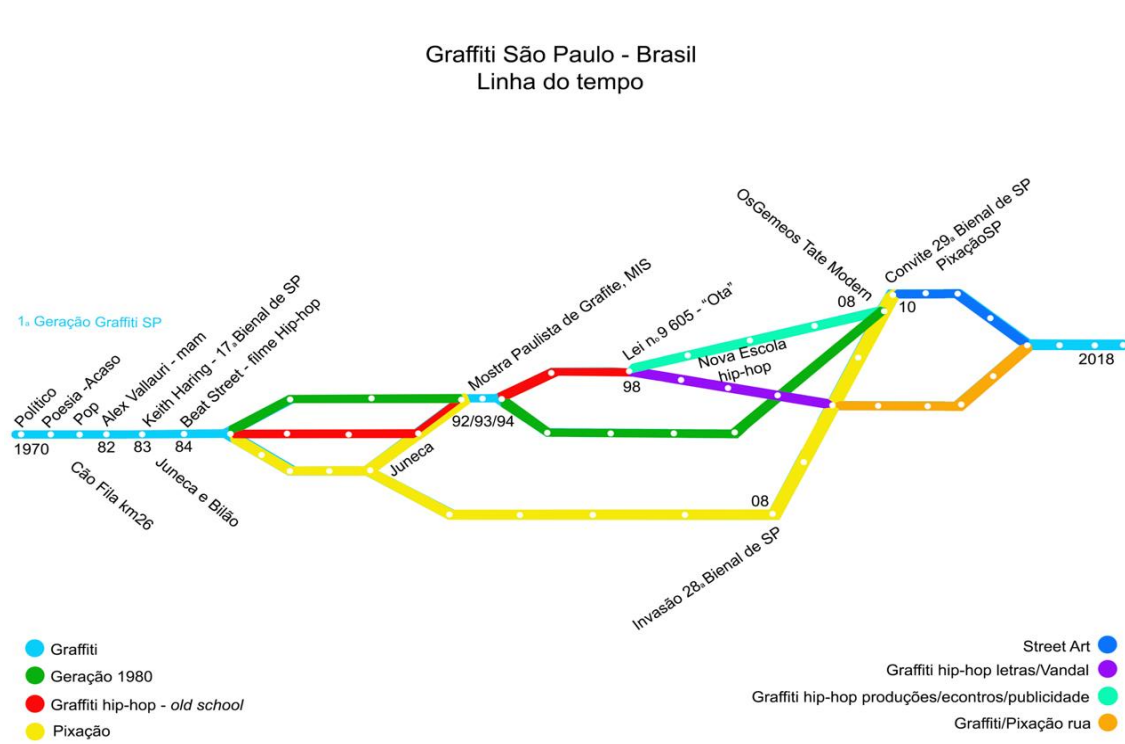


Imagem 2- Linha do tempo em recorte ao contexto brasileiro. Design: Otavio Fabro.

## Desenvolvimento

Dos Métodos Heurísticos, ou métodos da descoberta apontados por Valente (2015, p.16), teríamos uma interessante possibilidade de definição do programa artístico analisado. Dentre tais conceitos vistos e elaborados pelo autor, a hibridação interformativa possibilitaria o caminhar mais ameno entre tantos entroncamentos, de movimentos históricos referenciados, empirismos próprios do fazer artístico e



seus meios alternativos, aos conceitos históricos e arqueológicos, práticas sociais, práxis artísticas, limiares educativos, visões trazidas da psicologia, assim como teorias também relacionadas ao próprio campo da arte.

Dentre duas modalidades de poéticas Valente distingui-las-ia em:

[...] poéticas históricas, os “ismos”, isto é, os movimentos artísticos aos quais os artistas estão inseridos” [...] “poéticas pessoais, incluindo tanto os programas individuais especificamente ligados à criação dos artistas como também ligados ao fazer genérico de toda pessoa”. (ibidem, 2015, p. 24)

A pesquisa, assim como suas imbricações, seria orientada pelo fazer do artista ao conceber seus trabalhos derivado destas afetações, e a análise de seu programa artístico, seu posicionamento e entendimento da urbanidade, constituiria em muito sua também proposta poética, porém está intermediada pelo caráter formativo e olhar enquanto grafiteiro, onde relações seriam vistas sempre entre os meios operativos.

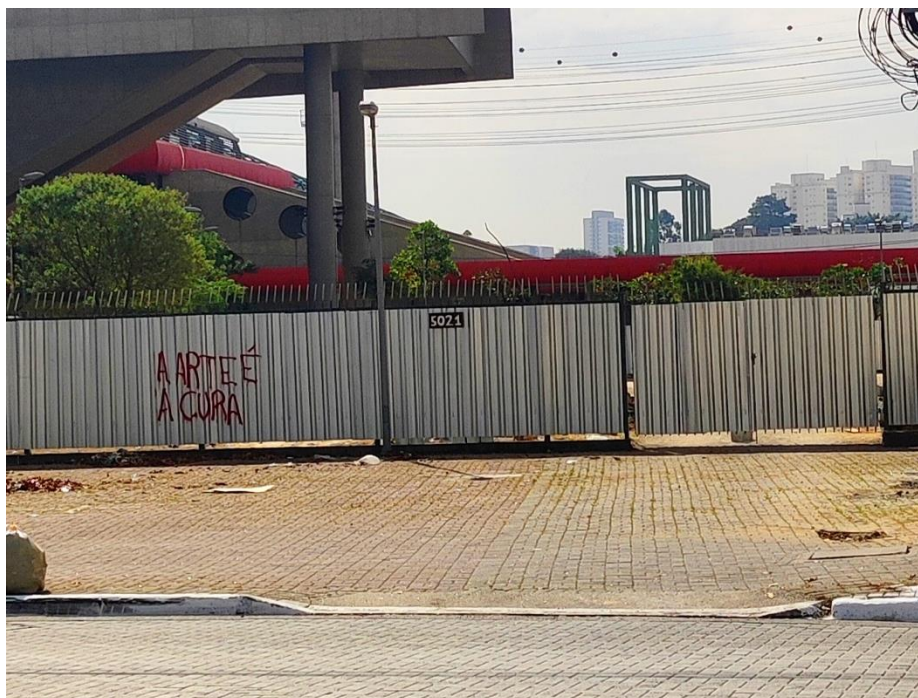


Imagem 3- "Arte é a cura". Autor desconhecido, 2024. Registro: Otavio Fabro.

Sabendo-se da possibilidade de insucesso de definições de cunho filosófico a estética pretendida, uma vez destas serem feitas pelo também artista e grafiteiro



imerso neste meio como pontua Pareyson (1993, p.305), o caráter especulativo do artista se proporia a apontar rastros na história direcionados ao entendimento filosófico estético do *graffiti*, mas com buscas prioritariamente à sua poética operacional.

Assim dados os pontos históricos levantados, ver-se-ia a pesquisa ao menos como propositora de caminhos, numa visão tida da experiência artística aos apontamentos à possível análise estética.

Somando-se aos apontamentos, definições, proposições operacionais como poética, e rastros obtidos na história, um terceiro entendimento surgiria também pelo saber empírico do grafiteiro, pois ver-se-ia agora, tais figuras como hibridadas neste mesmo ser. Distinguidas somente por critério de sistematização em grafiteiro e artista, estas se apresentariam igualmente na pesquisa, por um terceiro ser tido pela figura do pesquisador.

A estética deve tomar como ponto de partida uma fenomenologia da experiência artística, e neste sólido contato com a experiência não deve deixar que lhe fujam as reflexões que os artistas elaboram sobre a própria atividade [...] Mas se não compete aos artistas fazer estética, nem por isso o filósofo está dispensado da obrigação de interpretar adequadamente a meditação que elaboraram sobre a sua própria experiência.(PAREYSON, 1993, p.305)

Deste interstício surgido no transcorrer da pesquisa, por um lado pelo levantamento histórico e evidências de caráter estético, e por outro num denso aprofundamento na pesquisa de materiais e na realização e conceitualização de novas obras visuais, ver-se-ia a necessidade inicial transformada, e assim um não mais buscar-se um o ser culto híbrido contemporâneo na figura hibridada grafiteiro/artista/pesquisador.

Tal como a estética que não se pretende como normativa ao fazer poético, para não se tornar desserviço ao campo, o autor colocar-se-ia como “cobaia” da mesma. O “eu” autor.

Teríamos no “eu grafiteiro/artista/pesquisador ser culto híbrido contemporâneo” o aprofundamento buscado e recorte.





Imagem 4- Otavio Fabro, Organismo Especular: Sonhei hoje com o amanhã de ontem. Técnica: mapeamento do céu austral local, aerossol fuligem em sobreposição de camadas, tinta biológica em captação dos fungos do ar. Trabalho realizado pelo autor na 13ª Bienal do Mercosul. Créditos: Anderson Astor e Marcelo Curia.



Imagem 5- Otavio Fabro, Organismo Especular: Sonhei hoje com o amanhã de ontem. Técnica: mapeamento do céu austral local, aerossol fuligem em sobreposição de camadas, tinta biológica em captação dos fungos do ar. Trabalho realizado pelo autor na 13ª Bienal do Mercosul. Créditos: Anderson Astor e Marcelo Curia.



Consciente da necessária observação da experiência artística como ponto de partida fenomenológico, esta se daria no próprio autor aqui presente, mas através de seu “eu” grafiteiro conhecedor de sua prática e testemunha elaborada de sua própria atividade pesquisada.

Existiria *a priori*, o desejo de se obter arcabouço auto referenciado e entre seres operantes desta mesma prática, mas para isto sentir-se-ia a necessidade de especular uma possível estética ao *graffiti*, afim de substanciar sua poética como artista que se referencia no operativo do grafiteiro.

O entender o “ser” motivador do surgimento dos outros seres, para numa auto-referenciação pós análise conceitual, apresentá-la em pesquisa, assim como operacionalizá-la em poética, seria busca por consistência teórica desejada pelo artista.

Acerca da poética operante Pareyson (1993) nos sinalizaria o fato de uma poética só ganhar eficácia quando tornada operante no processo de formação, e assim operante e incorporada esta torna-se indissolúvel à obra. Poderíamos então defini-la “poética” interior como intima lei que é, à sua operatividade.

[...] as poéticas fixadas em programas que “precedem” a arte costumam ser estéreis, enquanto parecem mais fecundas aquelas que “seguem” a arte já realizada, de que não fazem outra coisa, no fundo, senão propor a intrínseca e fecunda exemplaridade. (ibidem, p.304)

A preocupação apontada por Pareyson (1993) tanto à perigosa definição da estética especulativa em proposição do fazer poético, quanto também a possibilidade mais fecunda desta ocorrer da experiência de uma definição de poética após processo artístico já realizado em obra, seriam aqui consideradas.

Sobre a estética especulativa Pareyson pontuaria.

Certamente, a estética pode ser útil ao crítico, no sentido de lhe oferecer uma consciência filosófica da experiência em que ele se move, e o livra de se confiar ao puro gosto, quer definindo-lhe a relação que ocorre entre gosto pessoal e o juízo de valor, quer



indicando-lhe a mesma estrutura da operação artística, convidando-o a refletir sobre ela, em uma leitura ponderada. Mas isto não significa dizer-lhe aquilo que a arte *deve* ser nem estender-lhe um metro exato para separar a poesia da não poesia. (ibidem, p.305)

Em determinado ponto da pesquisa, o caráter de já realizado seria tamanho, que a operacionalização dos conceitos poéticos às obras realizadas haveria de se concentrar em definições a série de obras.



Imagem 6 – Otavio Fabro, 17 dobras, da série *wild style*, 2018. Madeira de caixote de feira coletadas, madeira carbonizada e resina 115 x 170 x 39cm. Crédito: Edouard Fraipont.

A definição trazida por Valente (2015, p.15), aos termos “hibridação” e “hibridização” trariam uma possibilidade de melhor entendimento ao cruzamento proposto grafiteiro/artista/pesquisador.

Sendo este já realizado e a serviço do desenvolvimento conceitual das poéticas surgidas da análise das obras criadas, ver-se-ia em seu caráter essencialmente híbrido, uma também necessidade de análise metodologia processual híbrida.

Sendo o termo hibridação, em analogia aos processos biológicos de acasalamento, de cruzamento entre espécies, quando efetivados resultantes da fusão entre as





partes envolvidas. (ibidem, p.15).

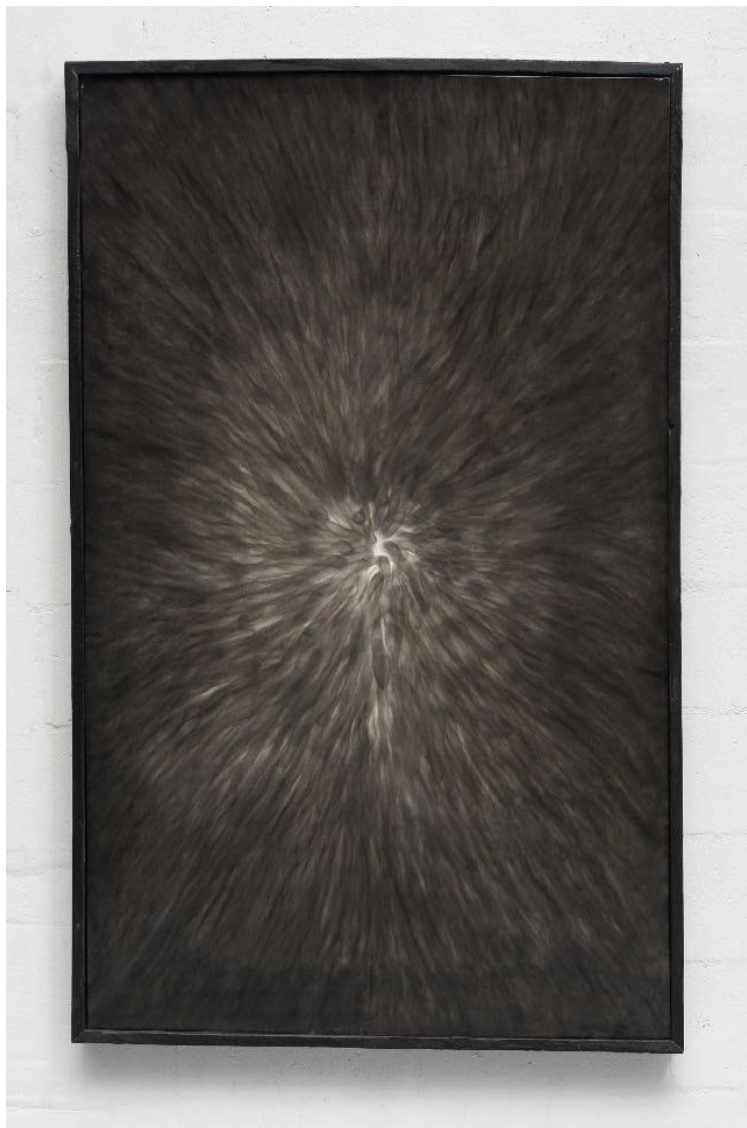


Imagem 7- Otavio Fabro, da série Graffito. 2018. fuligem sobre tela, verniz e moldura carbonizada. 153,22 x 94,10 x 10cm. Crédito: Edouard Fraipont.

Poderíamos salientar à hibridação, como uma proposta híbrida de fusão dos seres, observando-a do ponto de vista produtivo, como de frutuosa vicissitude. Visto que, ao operar e gerenciar suas possibilidades, notar-se-iam o quão proeminentes seriam estes procedimentos e processos implicados desta fusão. Teríamos assim, enquanto programa artístico, diversos caminhos a seguir conceitualmente, mas acima de tudo plasticamente, dado os trabalhos artísticos erigidos desta hibridez.

Em oposição aos fortuitos resultados visuais às obras concebidas em isolamento de



ateliê, surgiria a necessidade de pontuar as características de isolamento sentido também enquanto ser triádico grafiteiro/artista/pesquisador.

Originário da estética do *graffiti hip-hop* brasileiro, teríamos em sua pretensão inicial, o distanciamento de um fazer pretendido como arte ou meramente artístico. Este procedimento demonstrar-se-ia funcional enquanto operado em grupo, porém ao emergir como artista e principalmente como pesquisador, sem deixar predominar qualquer um dos seres diante desta hibridez, o não pertencimento seria um também achado híbrido resultante.

Partindo dos também apontamentos especulativos tidos dos acontecimentos como expressão, vistos na *práxis* do grafiteiro, a maior carga de compreensão não estaria externa ao autor. O contexto ulterior dado ao termo hibridização, como fissão, ou rompimento deste por determinado acontecimento, seria também uma possível definição cabível a sensação de isolamento.

A hibridação ocorreria pela inserção do próprio pesquisador ao contexto histórico pesquisado, onde seu ser inicialmente grafiteiro utilizando de um recurso expressivo, contestaria a urbe, mas ainda na “pureza” de seu fazer, não se pretendendo a arte.

A fusão entre os seres quando operados pelo fazer artístico e fazer poético, se sustentariam. Embora, como análise triádica observar-se-iam ruídos.

Ao aprofundar a busca por um maior entendimento de seu próprio fazer como grafiteiro, para então também compreender o seu fazer como artista afetado por este primeiro, encontraríamos na possibilidade híbrida relativa à hibridização, segundo termo apontado por Valente, aos processos trazidos da física.

[...] na hibridização, remetendo aos experimentos nucleares de bombardeamento de elétrons, encontramos um processo metaforicamente explosivo, de antagonismos e conflitos entre as partes misturadas, causando um efeito com certeza, mas que se aproxima mais da ideia de um rompimento, de uma fissão – na hibridização, encontramos, sobretudo, a ideia do híbrido como um ser fragmentado ou fragmentário. (VALENTE, 2015, p.15)



A fissão hibridização, afetaria seu entendimento por se colocar como parte do objeto pesquisado, e assim possuir uma ética já definida sobre este fazer quando analisada.

Porém, sua potência por outro lado estaria evidente na possibilidade poética, no contexto de seu processo artístico, nas infinitas implicações também apresentadas no entorno deste, e em seu caráter teórico.

O ter consciência deste primeiro fazer, e de sua sublimação em seus outros seres quando em visão de fusão, nos potencializariam como conhecedores de ambos fazeres intrínsecos e internos ao mesmo ser que os hibrida. Poder-se-ia assim, escolher o momento em que cada um destes seres, melhor operaria diante de uma determinada necessidade específica.

A sublimação, enquanto processo, estaria em um tempo lógico posterior ao recalque. Através dela, aquilo que foi recalcado se faria presente como efeito, sob a forma de uma incógnita ou de um saber a ser descoberto – isto é, a sublimação se corporificaria, ou se desdobraria na busca de um saber sobre aquela parte que “completaria” o todo, garantindo sua integridade. (FRANÇA, 2007, p.154)

Conforme França, a arte seria na visão de Freud um bom exemplo de sublimação, onde o ser estaria implicado de forma subtrativa. Sendo o recalque o causador da possível questão a ser observada, e problematizada através do ato infrator. Desta forma o fazer artístico tão próximo a ilegalidade como o *graffiti*, trairia em seu fazer uma grande possibilidade de sublimação ao recalque de uma sociedade e vida contemporânea.

O atuar na rua de algum modo teria de ser reformulado em pretensões do autor, dado tamanho aprofundamento crítico alcançado, ou para se manter na manutenção da estética, ignorá-los ou politizá-los. O *graffiti* se manteria livre na figura do ser grafiteiro, como assim o era desde seu início.

Para o pesquisador que pesquisa *graffiti*, mas não é proveniente deste universo, não haveria necessariamente conflito ou contágio entre seus seres e fazeres. Para



o grafiteiro atuante e não pesquisador, não haveria afetação necessariamente conflitante ao proceder como também poética ou programa artístico. Esta hibridação, talvez a mais comum de ser encontrada no meio *graffiti*, onde geralmente só acontece uma adequação de suporte, de uma parede para uma tela.

Para o artista que busca referencial poético no *graffiti* para desenvolvimento de determinado trabalho artístico, também não haveria necessariamente afetação de seu fazer, pois seria somente especulação e pesquisa poética concebida em uma obra, como no trabalho de Adriana Varejão, “Celacanto provoca maremoto” uma analogia a um famoso e enigmático *graffiti* ilegal visto no rio de janeiro dos anos de 1970.



Figura 8 - Adriana Varejão – “Celacanto provoca maremoto”, no estádio aquático olímpico no Rio de Janeiro em 2016. Crédito: Alex Ferro.

Poderíamos em Lara (2002), grafiteiro pertencente à geração de 1980, e também pesquisador com tese defendida em arquitetura, referenciá-lo como estímulo a presente pesquisa, por máxima aproximação encontrada com base na hibridez em recorte. Porém este, no distanciamento buscou elucidar outro caráter a sua pesquisa, numa fissão inexorada.

Haveria no ser autor desta forma, a sensação de não pertencimento e desterritorialidade como apontado por Valente (2015, p.16);

[...] o artista híbrido pode experimentar uma sensação de não pertencimento a nenhum sistema ou categoria de arte, na medida



em que se encontra em uma região fronteira, num espaço “entre” que torna sua produção desterritorializada, num sentido de liberdade que, contraditoriamente, somente um desterrado poderia usufruir.

Trazida ao contexto do grafiteiro, numa certa compreensão do espaço público urbano, tal desterritorialização sentida da hibridização grafiteiro/artista/pesquisador, poderia por ora ser associada à experiência de um morador em situação de rua, até mesmo por toda experiência de campo trazida pelo autor pesquisador a esta área, onde este ocupa o espaço vazio, o entre lugares e não-lugares, não por opção, mas por ausência de melhores oportunidades, ou desejo no vazio. No contexto do vazio Bauman (2001) nos ajudaria elucidando suas possibilidades de acontecimento.

Vazios são os lugares em que não se entra e onde se sentiria perdido e vulnerável, surpreendido e um tanto atemorizado pela presença de humanos. (BAUMAN, 2001, p.121-122).

O apontamento inicial trazido como motriz a pesquisa, e visto em Canclini (2015), nos confortaria de certo modo dentro de um entendimento, e de um existir dentro do paradoxo e situação híbrida, pois nos apontaria como também pertencentes deste território social, e não únicos a esta sensação. Ao compreender o contexto social contemporâneo, como já híbrido, e desta forma se posicionar como parte do todo, nos sentiríamos pertencendo, mesmo que isolados em um fazer híbrido não qualificável.

Porém, o não pertencer de certo modo, também demonstrar-se-ia um caminho interessante, pois fugiria do cômodo lugar reconhecível.

Uma vez da escolha pelo caminho da ilegalidade inicial como grafiteiro, ou melhor, não escolha, mas sim, a única forma encontrada para inserção social numa ética coletiva de seu meio social, assim como visto em organizações paralelas ao estado. Seria neste ser, parte constituinte de sua formatividade, o transitar, e o não buscar conforto, mas sim confronto.

Não existiria crise propriamente dita, mas sim enfrentamento, inquietude, proposição de mudança, questionamento, busca por justiça social - um constante desejo utópico, tão necessário a humanidade, a busca de um olhar e proposição de





modificações às diferentes mazelas sociais.

Desta maneira seria a desterritorialização fato intrínseco ao ser hibridizado, mas para esta ser vista haveria de ser recortado o caráter de sublimada no ser, e assim colocada ao ser hibridado não necessariamente em crise, ou pontuada como uma crise do ser em que se necessitasse sair. Como motivação, teríamos em Invisível (2016, p. 21), “Não há uma “crise” da qual é preciso sair, há uma guerra que precisamos ganhar”.

Um aprender a ser híbrido por necessidade em nossa sociedade, quando voltado ao campo da arte poderia ser compreendido como proponente de reflexões questionadoras ao *status quo*.

Num limiar metodológico entre transgressões e possibilidades artísticas e sua práxis, o caminho percorrido se chocaria constantemente na busca por certa pureza, se é que seria possível caracterizar pureza num gênero já impuro em sua essência como o *graffiti*. Mas sim, pureza enquanto poética normativa, contida, questionadora, e propulsora de diferentes trabalhos artísticos.

O desejo pelo não pertencimento, o apetite por manter-se em hibridização - conflito. A sensação de certo modo heroica, constituiria o ser.

No contexto brasileiro à estética do *graffiti*, uma dupla exclusão ainda seria vista, no nomeado pejorativamente pichador. Mesmo que no contexto de seus pares no *graffiti* suas ações sejam vistas como iguais, diferenciando-se somente em visualidade final, e realização mais simples e rápida, para a sociedade de modo geral, consolidou-se durante a década de noventa uma construção higienista, e tentativa de segregação. Assim em uma condição de “*hybris*” teríamos:

O ser híbrido, nessa condição de “*hybris*”, fatalmente é rotulado com conotações pejorativas por estar associado e ter sua existência condicionada a um ato de aberração. Trata-se de um híbrido por contingência, híbrido sem necessariamente se pressupor uma escolha quanto à sua condição. (VALENTE, 2015, p.15)

Em associação ao próprio termo também grego, assim como *hybris*, *graffiti* estaria como já apontado, relacionado à condição escrita *graphien*, e contraditoriamente ao



*graffiti* que se tornara o aceito, o “grafite” bonzinho-figurativo “*híbrida*”: sendo remetido a sua origem no latim.

[...] termo “*híbrida*”, de origem latina, remete a uma situação diferenciada, na medida em que contém um pensamento expansionista do Império Romano no sentido de se constituir uma grande unidade imperialista. (ibidem)

Enfim, pertencimento e não pertencimento seriam pontos determinantes a serem levantados, assim como escolhas feitas pela figura do próprio autor.

Referenciais a poética do artista à tríade aqui traçada, trariam evidências híbrida *hybris*, e inevitáveis associações teóricas e históricas ao moderno, pois ao se buscar tais associações para um melhor compreender e situar-se na contemporaneidade, o considerar a hipótese de não concretização de um projeto moderno ocidental, principalmente em referência ao espaço urbano e seu contexto social, a poética analisada se coloca, se propõe, e também se atualiza, na atual figura docente agora pertencente a tríade inicial.

O puro seria híbrido, mas o híbrido nunca seria puro?

Nos mesmos somos híbridos, instalados precariamente no interior das instituições científicas, meio engenheiros, meio filósofos, um terço instruído sem que o desejássemos; optamos por descrever as tramas onde quer que estas nos levem. (LATUR, 2011, p. 8)

Num ideal moderno de purezas, de aversão aos híbridos espiritualidade e lógica, no domínio sobre a natureza, na divisão sócio cultural norte-sul, ocidente-oriental, definições do que seria arte e a não-arte, ou na busca pela universalização em um ser quase indivisível em busca de obter pureza, observa-se que esta “pureza lógica” não poderia ser alcançada dado um mundo real e híbrido por essência. Pois ao observar o próprio desenrolar cultural na contemporaneidade, onde a hibridez resultante se tornou real e ordem do dia, nota-se o quão benéficos foram os ganhos desta aceitação ao campo de estudos culturais e artísticos.

Assim o pertencer e se perceber excluído, seriam angústias da sociedade contemporânea, ou o querer se manter excluído, seria um caminho para pertencer? Haveria um equilíbrio possível para o fazer do artista no retorno da aura pelo



manutenção da unicidade da obra? Canclini (2015) nos traz uma luz para estas questões.

Assim como não funciona a oposição abrupta entre o tradicional e o moderno, o culto, o popular e massivo não estão onde estamos habituados a encontrá-los [...] Precisamos de ciência sociais nômades, capazes de circular pelas escadas que ligam esses pavimentos. Ou melhor: que redesenhem esses planos e comuniquem os níveis horizontalmente. (Ibid. 2015, p.19)

### Considerações Finais

O ser híbrido tido na forma buscada em tese “o eu grafiteiro/artista/pesquisador” talvez seja impraticável concomitantemente, tendo em vista suas práticas distintas e conflitantes, habitantes de um mesmo ser. Sendo sua impossibilidade muitas vezes não necessariamente de articulação de ideias, mas sim física e relacionada à falta de horas em um único dia, ou de saúde física e mental pela ausência de tempo para descanso, ou até mesmo para dormir, algo que se acredita compartilhado com demais artistas/pesquisadores/professores universitários.

Desta forma vê-se que talvez o ser culto híbrido contemporâneo próximo e possível de encontro ao grafiteiro/artista/pesquisador esteja na figura do professor formador de professores, ou melhor, de artistas, uma vez que estes transitam entre tantos meios, e possuem múltiplas especialidades fundidas em formatividade.

Talvez este ser, esteja na figura do artista contemporâneo propriamente dito, que sem uma nomenclatura ou escola específica que o represente, transita livre neste maravilhoso limbo histórico libertador, que é a contemporaneidade.

Talvez o ser culto híbrido seja realmente visto no grafiteiro que conhece o “mundo” através de uma ação ilegal de ocupação e intervenção em sua urbe. Numa busca inconsciente pelo pertencer de alguma forma do mundo que o cerca, e o exclui, em sua prática conhece, desvenda e transforma seus espaços vazios, e acessa a cultura pela exclusão, apresentando sua conquista deste agora ativado meio, compartilhando tais espaços aos seus contemporâneos. Para artistas-educadores ao menos sua atual aceitação no mundo das possibilidades artísticas, poderá ser



utilizada para ampliar repertório cultural, somando assim às suas formatividades, diferentes linguagens de comunicação e expressão, se assim o quiserem.

Talvez não exista necessariamente um modelo de ser culto híbrido contemporâneo, mas sim seres já existentes, desejosos, e se estimulados provedores de novas utopias.

Estes possibilitariam que diferenças fossem colocadas como qualidades, que não se buscasse somente uma padronização em estética, um manual a ser seguido, assim como se vê na atual transformação das bienais como na 34ª e 35ª de São Paulo, ou 60ª de Veneza, onde as valorizações tardias, mas ainda válidas da arte afro-americana ou ainda da arte indígena contemporânea, demonstram o quão saudável são as hibridizações das coleções nas diversas instituições mundo a fora.

Talvez a cultura *hip-hop* brasileira, tenha em seu cerne um modelo interessante de comunidade híbrida culturalmente, onde a luta por direitos, partiria do empoderamento de uma geração, mas não haveria de ser seu fim. As políticas públicas conflituosas tentariam tanto sua absorção, quanto sua punição, mas ainda hoje, não se veria a apresentação de uma reflexão intermediária em proposta. Vista aqui como hipótese confirmada e imbricada no contexto hipotético da proposta tese.

Do ser culto, aos procedimentos já populares a urbe, de sua potência e alcance como cultura de massa pela divulgação pública, veríamos;

Caminhos, possibilidades, formulações e associações como arte que não se propõe necessariamente a resposta, mas sim como questionadora e geradora de hipóteses, teses e refutações.

Não se teria assim aqui, um fim necessariamente em resposta, mas sim um começo a partir deste, como uma ampliação da tríade inicial em um novo conjunto agora de quatro unidades grafiteiro/artista/pesquisador/professor.

Se de alguma maneira viu-se alcançado o propósito inicial, este será tratado por ora como em andamento, continuidade, processo e obra. Pois seu funcionamento e caráter utópico propositor, intrínseco à pesquisa e a poética, se manterão como



sempre foram. Inquietos e desejosos.

## Referências

BAUMAN, Zigmunt.. Modernidade líquida, Plínio Dentzien (trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas. Estratégias para entender e sair da modernidade. 2015.

FRANÇA NETO, Oswaldo. Freud e a sublimação: arte, ciência, amor e política. Ed. UFMG, 2007.

INVISÍVEL, Comitê. Aos nossos amigos: crise e insurreição. São Paulo: n-1 edições, 2016.

LARA, Arthur Hunold. Tribos urbanas: Transcendências, rituais, corporalidades e (re) significações, 2002

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos. Editora 34, 1994.

PAREYSON, Luigi; GARCEZ, Maria Helena Nery. Os problemas da estética. Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Formação da obra de arte. Estética, teoria da formatividade. Petrópolis: Vozes, 1993.

VALENTE, Agnus. Heurística Híbrida e processos criativos Híbridos: uma reflexão Sobre AS metodologias da criação no contexto do Híbridismo em Artes. Arte-ciência, p. 11, 2015.

## Notas

---

<sup>i</sup> Grafiteiro/Artista/Pesquisador/Professor Doutor no Departamento de Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC em Linguagem Escultórica. Associado da Anpap junto ao comitê de poéticas artísticas. Inicia sua trajetória pelas ruas da cidade no intervir ilegal, no conhecer e encontrar-se, desbravar espaços vazios, onde desenvolve uma maneira alternativa de entender, relacionar-se, e olhar a cidade contemporânea e suas relações sociais de exclusão.

<sup>ii</sup> A grafia escolhida na presente pesquisa se manterá como “*Graffiti*”, sendo o termo trazido da arqueologia onde sua utilização se dá no designar qualquer tipo de intervenção ilegal no espaço urbano, e na contemporaneidade geralmente vista na utilização da tinta spray. Pelas mais diferentes cidades do mundo. Tal designação mantida em grafia ocorre de maneira geral pelo mundo.